

A atitude de tocar ou técnica?

É sintomático observar o histórico das concepções sobre técnica pianística! Elas vêm de encontro com conceitos do meio científico, e revelam o grau de ignorância que o ser humano tem sobre suas possibilidades e natureza artística.

Sua trajetória reflete a imagem dissociada que o homem faz de si e das suas habilidades, movendo-se por processos independentes. Daí surgem as teorias que estruturam a pedagogia em disciplinas isoladas e não-intercomunicáveis. No piano, isso se refletiu na linha de ensino que criou o conceito de Técnica Pianística.

Não considero qualquer avanço na prática musical a mudança de abordagem das teorias sobre técnica que privilegiam o cérebro em detrimento dos dedos. O que há é uma crise de percepção dos reais fundamentos das práticas humanas, entre elas a música. Nessa crise, ainda há uma falta de compreensão sobre a performance e seus tributos, o que conseqüentemente faz com que tenhamos pensamentos errôneos sobre os caminhos para alcançá-la.

A existência do termo “Técnica pianística” e a necessidade de se falar sobre este assunto, ainda que hoje trate de uma mudança nos seus objetivos, revela um total descentramento de finalidade do estudo musical. A incompreensão dos fenômenos da performance faz com que se estabeleçam processos intermediários de aprendizado que pouco ou nada contribuem (e até atrapalham) para o seu resultado.

A prática musical enquanto performance faz parte dos assuntos que extrapolam a explicação científica pelos meios físicos e biológicos. Esta característica se apresenta não só nas performances musicais, quanto em outras artes, como o teatro, a dança e artes plásticas. E neste sentido, a performance não significa se apresentar em público, mas a realização de uma obra em seu potencial artístico pessoal máximo. As manifestações artísticas envolvem diversos processos simultâneos e interligados: mentais, energéticos, físicos, biológicos, e outros que o vocabulário não alcança. Assim, os processos de estudo não podem se limitar a conclusões de pesquisas de alguns desses processos, mas devem incluir as percepções e experiências pessoais sobre os campos que as ciências não abordam.

Desta maneira, o conceito de estudo precisa ser revisto, na medida que têm criado etapas para se obter uma realização que é integral e não-fragmentável. Mais especificamente, o estudo de piano precisa objetivar a prática musical final, e não tratar de separar processos.

O atual conceito sobre técnica pianística que defende a concepção musical anterior ao processo mecânico é menos incoerente do que as teorias de repetição mecânica e estudo muscular, mas ainda não alcança o resultado musical. Seu fundamento na criação mental da imagem sonora do texto

estudado é eficiente mas incompleto. Como explicar, então, a inabilidade de inúmeros regentes e compositores para se expressar nos instrumentos? Estes costumam ser os maiores entendidos em forma e estrutura musical, no entanto, a maioria não é capaz de tocar bem um instrumento.

Já tendo sido afirmado que apenas o virtuosismo também não é suficiente para um resultado musical de qualidade, começamos a nos aproximar da idéia de que o pensamento sem a ação, e ação sem o pensamento não são bases eficientes para qualquer método de estudo. E ainda que a ação e o pensamento estejam associados, nem sempre levam a resultados satisfatórios, pois todos nós conhecemos diversos casos, muitos em nossa experiência pessoal, que a existência da concepção musical e da prática diária não foram suficientes para se alcançar um resultado ideal. Isso nos leva a refletir que existem outros fatores determinantes nesse processo.

Chegamos então ao limite da compreensão científica. Neste ponto, as nossas experiências pessoais têm contribuições valiosas para completar os fundamentos do nosso estudo. Examinando as condições em que aprendemos com facilidade uma obra, certamente podemos lembrar alguma experiência em que nos dedicamos a uma obra que nos agradava muito. Esse tipo de estudo se faz de uma forma espontânea, impulsionado por uma energia de prazer, diversão e satisfação. Neste processo, a compreensão da estrutura musical e a realização física são alcançadas de maneira natural e simultânea. O resultado artístico final é alcançado mais rápida e profundamente, e sua performance apresenta naturalidade, envolvimento, confiança e alegria.

Estas referências podem nos ajudar a traçar importantes bases para o nosso método de estudo. Como nem sempre estamos lidando com obras com que temos grande afinidade, podemos tentar buscar essas sensações e aplicá-las ao seu estudo.

É muito importante termos claro em nossas mentes o objetivo pelo qual estamos estudando uma obra, e buscar um envolvimento com este. O encantamento pelo trabalho é o fator que mais acrescenta a qualquer estudo, propiciando um aprendizado global e espontâneo.

Neste prisma, os métodos de estudo mecânico, de repetição e automatismo, são desnecessários e cansativos, além de excluírem a espontaneidade e a abertura para descobertas de novas possibilidades de realização. O processo natural de aprendizado baseia-se no resultado orgânico de realização de uma idéia artística, por onde não se processa qualquer racionalização do movimento.

A prática de um instrumento, como qualquer atividade performática, depende de habilidades pessoais, como a consciência corporal, concepção artística e estética, equilíbrio emocional, envolvimento energético, confiança, destreza, entre outras. O estudo precisa ser uma célula de reprodução de todas essas habilidades, de forma integrada e motivada.

Cada pessoa possui uma forma própria de aprender, e o professor deve ser o motivador deste processo, sem traçar o seu percurso ou determinar como

deve acontecer. É importante investir nas facilidades de cada um e canalizá-las para superar eventuais dificuldades, na intenção de ampliar as possibilidades de expressão, e não somente a destreza.

Tocar um instrumento é uma habilidade que muitos podem fazer, até mesmo pelos métodos mais incompletos e obsoletos. Entretanto, fazer do seu instrumento um veículo natural de expressão artística envolve uma **atitude** diária de conscientização dos seus potenciais e desenvolvimento pessoal.

Cândida Borges
Rio de Janeiro, 18/09/1999

Cândida
Borge.